

ARROIOS

DIÁRIO DE UM DIÁRIO

**JOSÉ MARIA
VIEIRA MENDES**

DOIS DIAS EDIÇÕES

- 30.12.12 P A U S A Julguei que ficava melhor com P
 - um pouco de silêncio para me restabelecer. Acontece A
 - que no silêncio não vejo motivos para me restabe- U
 - lecer. Fico a roer-me no sofá à espera que acabe o S
 silêncio. Não tenho unhas para tanto. Invento outra A P.20
 distração. Estou em movimento. Levanto-me, como é p.27
 costume de um diário, e passeio pela casa. Começo a p.38
 lembrar-me do passado. Estou a distrair-me com me- p.95
 mórias à espera que o silêncio acabe. Porque demora
 tanto tempo um fim? Acabo por antecipar o sono. E
 assim o tempo passa mais rápido. Hoje é o primeiro
 dia. C o m e ç o u .
- 3.1.13 V I A G E M Resolvi fazer uma pequena
 viagem. Tomei a camioneta. Já não andava num trans-
 porte assim há anos. Dei por mim a imaginar-me num
 veículo laranja com bancos rijos, muito metal e um
 tom geral bege. Mas nada disso. Memória errada. Sen-
 tei-me sim num tecido quente. As janelas em vidro
 escurecido. Carpete. Manípulo avariado para reclli-
 nar. Deixei-me ir. E deixei-me voltar. É assim que
 eu ando. Às voltas. COMEÇAR P.20
 (ou)
 PRINCÍPIO P.15
 PRINCÍPIO P.19
 PRINCÍPIO P.46
 PRINCÍPIO P.47
 PRINCÍPIO P.48
 PRINCÍPIO P.94
 PRINCÍPIO P.97
- 4.1.13 A U F K L Ä R U N G ⁴ Hoje, na biblio-
 - teca, sentei-me quieto a contar o tempo em que ficava
 - quieto. Olhei para as caras em frente. Olhei para as
 caras que tinha de lado. Olhei para os livros atrás
 de mim. Olhei para o corredor. Estou aqui sozinho. O
 sol entra como em casa e começa a avançar, a tentar
 chegar perto das estantes, sem sucesso. Mantenho-me
 hirto. Nem um movimento. Deixo o sol aproximar-se.
 Caiu em cima da mesa, no meu pulso, a fazer de reló-
 gio. Será isto tudo o que tenho para me entreter? Até
 que o sol se esconde. Fica noite e eu ainda aqui es-
 tou quieto. Talvez acabe mais cedo do que o previsto.
- 7.1.13 R U B Y Reparei hoje na existência de
 uma boutique discreta de nome Ruby. A porta intimidada,
 é demasiado estreita. Espreito do lado de fora. Pe-
 cinhas de jogos de infância, berloques, palavras que
 cintilam e alguns prateados. Bijutaria. Foi tudo ali
 parar. Há uma pessoa dentro da loja. É possível que
 tenha entrado, engordado e ficado presa. Olha para

valo. Sinto-me bem no meu intervalo. Sinto-me aliás cada vez melhor no intervalo. Sem fome, sem sede, sem sono. Há tempo para escolher as palavras e refletir sobre as escolhas. O meu intervalo cheira bem e vivo nele com a certeza de que está mesmo a acabar e animado com a perspectiva do fim. Talvez devesse acabar mais vezes.

ACABAR P.22

(ou)

FIM p.14

FIM p.15

FIM p.19

FIM p.21

FIM p.26

FIM p.30

FIM p.32

FIM p.34

FIM p.38

FIM p.48

FIM p.76

FIM p.82

FIM p.83

FIM p.85

FIM p.94

FIM p.97

10.1.13

M E M Ó R I A S Hoje, na biblioteca, recordo quando antes de ontem espreitei. Era um polícia, disso lembro-me. Pouco depois temi ser suspeito na morte do velho vizinho. Pensei: Exijo o meu advogado. E estava quase a dar voz aos pensamentos, quando o senhor agente de nome Paulo me virou as costas e agradeceu a colaboração. Levava rabiscos num caderno como numa ficção e fechei a porta. E depois já não me lembro. Mas hoje acordei com um sentimento de culpa. Será que matei o vizinho sem me aperceber? Que falhas de memória são estas que me andam a assombrar? Devia mudar de ramo. E se abandonasse o diário e me dedicasse às memórias? Na biblioteca, os livros olham para mim e para o meu trejeito de ponto de interrogação. Não devia ser eu a olhar para eles?

11.1.13

O F I O D A M E A D A Entretanto o vizinho de cima já foi enterrado. Continuo sem saber a causa da morte. Correm vários rumores. Ninguém até hoje se lembrou de me apontar o dedo. Será bom sinal, embora eu aprecie o protagonismo como facilmente os dias dão a entender. E este dia está a chegar ao fim e nada fiz do que queria ter feito. Fica para amanhã. (Livro de memórias: em criança, nas férias, dormia num quarto com um cartaz emoldurado que dizia: "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje." Poderá isto explicar o diário?, perguntei-me por breves instantes. E logo repudiei esta inclinação para as explicações. Sou um diário, não um leitor.)

() p.16

() p.18

() P.22

() p.43

() p.58

() p.62

() p.64

() p.69

() p.80

14.1.13

A M E A D A D O F I O Aquilo que queria ter feito ontem também não o fiz hoje. Mas posso fazê-lo amanhã. Mas também posso não o fazer. E continuar a fazer o não fazer. E sou capaz de passar horas a jogar o jogo das palavras enquanto o sol avança pela parede. Sinto a cabeça pesada. O andar

- vizinho que morreu e que estava semi-vivo, quero eu
 - dizer, acamado, entubado, mascarado, olhos fechados,
 apenas a barriga a subir e descer com a respiração.
 E neste pesadelo a minha respiração contribuía para
 a sobrevivência do vizinho. O seu ritmo respirató-
 rio seguia o meu. Se eu deixasse de inspirar, também
 ele deixava. No pesadelo terei de viver para sempre
 com esta responsabilidade. Ali, ao seu lado, junto à
 cama. Acordei com falta de ar. O pesadelo é uma pre-
 monição. Terei de fazer do diário um h e r ó i .
 Obrigá-lo a exercício quotidiano, corrida, flexões,
 escalada. Repetir as palavras aventura, amor, pai-
 xão, ação, brilharete e escrever diálogos. E subir
 e descer montanhas e viajar pelo mundo e envelhecer
 e rejuvenescer e dirigir e saltar à corda e filmar o
 mundo e lançar-me de um penhasco e escapar por pou-
 co...

22.1.13 A Ç Ã O Vou finalmente descansar de mim.
 Isto promete. Espero não me desiludir.

23.1.13 D I S T R A Ç Ã O A minha recente pele
 começa a engrossar. Pouco vejo que seja capaz de me
 intimidar. Caminho com segurança pelas divisões da
 casa. Sinto a coluna mais direita, as costas mais
 firmes. Tenho evitado comer em excesso. Faço flexões
 a cada meia hora, esteja onde estiver. Hoje calhou a
 caminho do pão, em plena calçada. Nada me intimida.
 Cheira-me que começam a perceber quem sou. Respira-
 se respeito. Já são muitos anos disto. Estou fatiga-
 do. Foi um dia exigente e escapei por pouco. Isto
 promete. Espero não me desiludir.

24.1.13 A V I S I T A Depois do pão, das
 flexões e da corrida matinal pelo bairro, subo as
 escadas com cautela. Cautela não é fração de bilhete
 de lotaria. Nem imagino como poderia ser neste con-
 texto. Não acendi a luz. A penumbra não me intimida.
 Recebi treino específico. Treino específico não quer
 dizer nada. Ainda estou a subir as escadas. Agora já
 não. Sinto os gémeos em tensão. Às vezes aborreço-me
 a mim próprio, seja lá eu quem for. A minha pele está
 cada vez mais grossa. Dou comigo em frente à porta
 do falecido vizinho de cima. S i l ê n c i o .

Encosto o ouvido à porta. Silêncio também no interior. Deveria neste momento escorrer-me uma pinga de suor da testa, mas sou um atleta. Às vezes aborreço-me muito a mim próprio, seja lá eu quem for. Toquei à campainha entretanto, no meio da frase anterior. Aguardei. Nada. Insisti. Estará a ignorar-me? Neste momento oiço o elevador. Vem a subir. Hesito. Não é muito comum em mim, seja lá eu quem for. Vacilo, o que também não é comum, mas rapidamente incorporo. Endireito a coluna. O elevador pára. Sou defensor das minorias. O mundo não está certo. De dentro do elevador sai um agente da autoridade, aquele de nome Paulo. Assusta-se com a minha presença e leva a mão à cintura. Eu não vacilo. Sou um atleta. Estou pronto para o diálogo. É agora. Diálogo: Ele: "O que é que está aqui a fazer?" Eu: "Vim em busca de um ramo de salsa." Ele "O seu vizinho morreu." Eu: "Tem a certeza?" Ele: "Absoluta. Nós já nos conhecemos." Eu: "Sou o vizinho de baixo." Ele: "Nome?" Eu: "Não revelo. E resisto à tortura. Sou rijo." Virei costas, satisfeito com o meu diálogo. Estou a progredir.

[DIÁLOGO] P.25
 P.35
 [DIÁLOGO] P.58
 [DIÁLOGO] P.64
 [DIÁLOGO] P.65
 [DIÁLOGO] P.71
 [DIÁLOGO] P.73
 [DIÁLOGO] P.75
 [DIÁLOGO] P.76
 [DIÁLOGO] P.77
 [DIÁLOGO] P.78
 [DIÁLOGO] P.79
 [DIÁLOGO] P.80
 [DIÁLOGO] P.82
 [DIÁLOGO] P.83
 [DIÁLOGO] P.84
 [DIÁLOGO] P.85
 [DIÁLOGO] P.86
 [DIÁLOGO] P.87
 [DIÁLOGO] P.90
 [DIÁLOGO] P.91
 [DIÁLOGO] P.92
 [DIÁLOGO] P.93
 [DIÁLOGO] P.95
 [DIÁLOGO] P.96
 [DIÁLOGO] P.97

25.1.13 P R O G R E S S Ã O A utilização do
 - verbo progredir foi a gota de água. Não quero pro-
 - gressão. Se os meus dias são uma escada, é sem de-
 graus. Não sei o que me deu para exigir uma mudança.
 Estou arrependido. Peço desculpa a mim próprio. O
 caminho não é este. Mais um passo em falso. Mais uma
 semana em vão. Estou fatigado. Tudo isto é exigente.
 Escapei por pouco. O enredo promete. Espero não estar
 a desiludir ninguém.

28.1.13 S E G U N
 - D A -
 - F E I R A Arrumei em definitivo
 - a pele da semana anterior. Saí de casa para visi-
 tar a rua como visitante. No elevador cruzei-me com
 a nova criança do prédio, um pele de leite que ao
 colo do pai fica a olhar para mim como se eu fosse
 todo o mundo. Os olhos fixos envergonham-me. Desvio
 antes de corar. Respiro aliviado com a chegada ao
 piso térreo. Na rua faz frio. Esfrego as mãos para
 me convencer do frio e caminho. É a minha rua, pen-

so consciente. Há carris de elétrico esquecidos no alcatrão. Vou voltar para casa. Já vi o que queria. Estou pronto para acabar o dia. A semana começa bem. Apaga-se.

1.2.13 B L E F U S C U Para evitar o adormecimento (tenho dormido como nunca antes, cada vez mais horas, dia e noite), embiquei que a solução era sair de casa. Uma estadia na biblioteca só me podia fazer bem com a presença desconfortável dos livros. Sentei-me. A janela à minha direita. À minha frente, pousado no tampo, nada. Olhei para o teto. Dor no pescoço. Olhei para o chão a fim de compensar. Quando voltei a subir, as lombadas dos livros nadavam. Temo que caíam da estante nas costas de um leitor. E os livros caem. Nódoas negras e ambulância. Tumulto. Funcionários de cabeça perdida e em pânico. Fecho os olhos. Estes são os momentos em que sonho e vida se confundem. São usados em abundância pelos livros nas estantes como metáforas sobre si próprios. Abro os olhos e decido regressar a casa. Os meus dias estão a encolher. Diminuo.

4.2.13 C A D A V E Z M A I S P E Q U E N O
O dia escuro e ainda agora acordei. Não tarda vou dormir, o que me obriga a ser breve e rápido. O que não é difícil. Com tantas horas de sono fico sem assunto e qualquer dia adormeço e até pode ser que não acorde. Ir aumentando os minutos de sono até que acordado só uns minutos, dez minutos e está feito o dia, até já não acordar. Seria um belo alcance. Uma demonstração de poder, um ato de revolta, reduzir o dia ao dia e deixar todo o mundo de olhos abertos.

5.2.13 D E S A P A R E C I M E N T O Hoje o dia dura pouco. Dura muito pouco. Hoje o dia é só a sua duração. Minúscula. Um ponto final.

6.2.13 D I Á R I O D O F I M Estou a descrever o mesmo dia sentado em lugares diferentes que rimam pobremente uns com os outros.

7.2.13 V A R I A Ç Õ E S D E F I M Preciso de espaiar. Espaiar é uma palavra desajeitada. Preciso de apanhar ar. Apanhar ar é aborrecido. Preciso de levantar-me. Levantar é um movimento re-

FIM p.14
FIM p.15
FIM p.19
FIM p.21
FIM p.26
FIM p.30
FIM p.32
FIM p.34
FIM p.38
FIM p.48
FIM p.76
FIM p.82
FIM p.83
FIM p.85
FIM p.94
FIM p.97

corrente neste diário. Ir até à varanda. Olhar para o prédio em frente, os automóveis a passar na rua, e resolver saltar da varanda. Saltar não é um movimento recorrente. Aterrar como um gato em segurança no alcatrão. Subir para cima de um automóvel em andamento. Dar nas vistas. Escrever nas fachadas. Abandonar o anonimato. Assinar o próprio fim. Sou um h e r ó i desconhecido.

8.2.13

P A U S A

P

-

A

-

U

P A U S A

S

A p.20

p.27

p.38

p.95

Nada se interrompe porque não há continuidade, já tinha dito. Vou dizer outra coisa: "Estou perdido." Vou parar uns dias. Estou a avariar. Há que saber parar. E estou a tentar aprender.

11.2.13

P A R A G E M

Hoje é na paragem dos dias,

onde não passam autocarros nem elétricos sequer. Já me falaram de aviões nesta paragem, mas ainda não vi nenhum. Portanto caminho, lá vou eu a pé. Acabaram-se as aventuras, o contacto com os vizinhos, o suspense de uma situação irregular, uma porta estreita onde custa entrar, uma criança de olhos assustados, uma morte e um polícia. Não há perspectivas. Acabou-se o futuro. Deixou de haver razões para continuar. Estou a dar as últimas. A minha vida é um drama.

Será agora o fim?

12.2.13

P R E M O N I Ç Ã O

Quando fui com-

prar pão, que é um alimento essencial da minha dieta, sofri a infelicidade de um acontecimento. Eu pelo passeio e a aproximar-se em direção contrária uma senhora de olhos postos no chão, óculos escuros. Saiu de casa em missão. Restam-lhe poucos minutos.

Ninguém me quer mal. Hoje sou um diário. Sem reservas. Sou o dia.

25.2.13

P R E T O E B R A N C O O dia quase a acabar, sem percalços, sossegado, sem medo do reflexo no espelho, tranquilo com os sons que entram da rua, agasalhado, o sol da tarde a bater nas costas, as frases a saírem sem interrupções, umas atrás das outras, um dia que escorrega, o de hoje. Lanchei e tudo. Fiquei à janela por um tempo, um gato a miar lá em baixo. Tudo silencioso. Um dia sem medo de abrir a boca, de acrescentar uma frase. Mas eis que oiço a campainha. É já noite. O mundo pára. Abro? Ignoro? Abro. Um vizinho. Não o conheço. Disse o nome. Não o conheço. "É para conversarmos." "Não tenho tempo. Estou..." não sei onde estou. E o vizinho insiste, como se tocasse à campainha: "Mas eu precisava de... um problema grave... no prédio." E eu olho para o relógio no pulso e fecho a porta. Sou uma besta. Só uma besta fecha a porta na cara de um vizinho bem intencionado. Mas foi necessário. Assim vive-se melhor. Os lençóis lisos, a luz amarela do candeeiro, o tapete nos pés, uma música de fundo e daí a pouco o silêncio do sono. Fim.

FIM P.14
FIM P.15
FIM P.19
FIM P.21
FIM P.26
FIM P.30
FIM P.32
FIM P.34
FIM P.38
FIM P.48
FIM P.76
FIM P.82
FIM P.83
FIM P.85
FIM P.94
FIM P.97

26.2.13

V É S P E R A O dia de hoje conta apenas como véspera.

27.2.13

R E U N I Ã O Fui o último a chegar. Não foi numa casa particular desta vez. Escolheu-se um lugar neutro para o encontro de condóminos, uma sala esconsa dentro de uma igreja. Um lugar sagrado, pensei eu, não neutro. Todos olham para mim quando entro. Pensei em voltar a sair, mas puxam uma cadeira, sentam-me ao centro e elegem-me como presidente da assembleia. Nas duas pontas da mesa, dois homens com ar severo e sério. A cadeira é rija. Tentei distrair-me. Pensar noutra vida, mas senti um dedo a tocar-me: "Sr. Presidente." Era eu. Fui instigado a dar a palavra: "Tem a palavra..." Comecei assim. E fui continuando à medida que o tempo passava. Dou mais palavras. Proponho votações. Concedo direito de resposta. Estou atento à redação da ata. E fui-me entusiasmando: "Podemos passar ao ponto seguinte: os

limites da realidade e da ficção. Para desinibir." Descontraímos. Nada se concluiu. Discutimos a tradição e entusiasmámo-nos com a autoconsciência e o vocabulário histórico. Deixámo-nos ser ridículos e foi sempre em crescendo. O entusiasmo atingiu níveis surpreendentes. Nota-se nas faces rosadas. O espaço esconso perdeu as paredes. Respirámos ar puro. Eu pelo menos respirei, e no meio disto oiço dizer o que aconteceu ao vizinho de cima: Que não há suspeita de crime, que foi de morte natural, já tinha a sua idade, ainda assim é sempre uma pena. Sou livre. Tocam-me no ombro: "Sr. Presidente, podemos recolher?" E eu dispenso-os magnânimo. Já passa da meia-noite. Todos saem. Continuo sentado à mesa por um tempo com um sorriso para o crucifixo pregado na parede em frente. Apetece-me cantar e canto. Só para mim. A voz sai-me melodiosa. Bem respirada e atinada. Espero pelo fim da canção. Respeito todos os versos. E faço o caminho de regresso a casa em silêncio. Oiço os meus passos a ecoar na rua.

28.2.13

P O N T O D E E X C L A M A Ç Ã O

Detive-me na florista. Fui atraído pelo cheiro. Senti um sabor doce na boca. Passei a língua pelo palato e deixei-me estar nestas apreciações. Caem pingos de chuva. Resolvo entrar. Lá dentro, um senhor cumprimenta-me. Borrifava uns fetos verdes. A loja é pequena, não se circula, quando se entra, é para comprar. "O que vai ser?" Sinto uma ligeira tontura provocada pela ilusão de variedade. É tudo o mesmo, flores. E não quero comprar flores. Sou um diário solitário. Não tenho a quem as oferecer. Estou com pena de mim. Mas vou reagir: compro um ramo de rosas. "E de que cor?", perguntam-me. Vamos em frente: "Vermelhas, claro!" Digo mesmo assim. Com ponto de exclamação. Que eu sou um diário que não poupa em pontuação!!!
E toma lá meia dúzia !

!
!
!
!
!
!

1.3.13

T E L E N O V E L A

Esta coisa de a minha vida ser uma história é opressivo. Simula um sentido e altera o género. Atravesso uma crise de identidade. E agora que embarquei não há volta a dar. Há que seguir as pistas. A criança pele de leite. E a boutique entalada de nome Ruby. E a esquadra da polícia. E o andar do vizinho de cima que faleceu. E os prédios em frente e os carros que passam. Tudo aguarda consequências. E com isto sentei-me em frente à televisão antes de adormecer com um sorriso.

2.3.13

M E N S A G E I R O

Peguei no ramo de rosas e saí de casa. Não me cruzei com ninguém no elevador, passei a esquadra, depois a farmácia abandonada, o restaurante e a mercearia e a florista. Viro à direita. O ramo parece derreter-me nas mãos. Cambaleio e recomponho-me, respiro fundo e continuo. Ao fundo, o vendedor de castanhas que ainda aí anda com o seu casaco com letras impressas nas costas. Mas o fumo que sai da chaminé já não faz cheirar a rua. É pólvora seca em clima de primavera. Dei a volta ao quarteirão e estou à porta de casa. Falhanço redondo. E nisto, na desolação, sai uma mulher do meu prédio. E eu, já com as mãos doridas, entrego-lhe a meia dúzia. Ela olha-me assustada. Fim suspenso.

FIM P.14
 FIM P.15
 FIM P.19
 FIM P.21
 FIM P.26
 FIM P.30
 FIM P.32
 FIM P.34
 FIM P.38
 FIM P.48
 FIM P.76
 FIM P.82
 FIM P.83
 FIM P.85
 FIM P.94
 FIM P.97

6.3.13

L U T O

Hoje fui a um funeral por um acaso. Saí de casa, passei pela igreja, vi gente triste, resolvi espreitar e deixei-me ir. Inventei uma identidade de luto. Dei-me um nome. Conversei sobre a dor da perda. Tudo aquilo também era meu. As palavras do padre incomodaram-me. Davam peso à vida, faziam desejar mais morte para se poder experimentar leveza. Fiquei com vontade de lhe dirigir a palavra. Duas senhoras choravam com mais fervor. Eu sei como isto acaba. E assim acabei por entrar num carro sem saber ao certo como. A viagem foi curta. Quando chegámos ao cemitério, chorei. Foram poucas lágrimas, mas sentidas. O rio ao fundo. Eu já aqui estive. Sei como é. Acompanhei o cortejo. É por mim, fui eu que desapareci, eu sou o centro. Enfim, tudo isto é idiota. Hoje não fui a nenhum funeral.